

## As Consequências Humanas da Globalização: Uma investigação do trabalho do sociólogo Zygmunt Bauman.

Daniel Cardoso<sup>1</sup>

*“O problema da condição contemporânea de nossa Civilização moderna é que ela parou de questionar-se. (...) O preço do silêncio é pago na dura moeda corrente do sofrimento humano. (...) Questionar as premissas supostamente inquestionáveis do nosso modo de vida é provavelmente o serviço mais urgente que devemos prestar aos nossos companheiros humanos e a nós mesmos.”*  
Zygmunt Bauman

### Apresentação

O presente ensaio teórico busca fazer uma investigação acerca de uma obra específica de um dos maiores sociólogos vivos. Trata-se do livro: “Globalização, as consequências humanas” do pensador polonês Zygmunt Bauman, que vai demonstrar nas breves (mas complexas) 136 páginas de seu livro as consequências do processo de Globalização e vai tentar responder perguntas tais como: *“Quem se beneficia da nova globalização? Será que as pessoas necessitadas estão sendo atendidas mais rápido e eficientemente? Ou os pobres encontram-se em situação ainda pior?”*. São algumas das questões discutidas no livro de Bauman. E são fundamentais para refletirmos a situação que nos encontramos hoje. (BAUMAN, 1999).

O Brasil enfrenta uma crise política e uma crise econômica. Em meio a este cenário há uma profusão de discussões, dentro e fora das redes sociais, acerca do “mal maior” do nosso país (a corrupção intrincada e generalizada). O quanto esta crise está ligada ao que acontece no planeta? É uma das perguntas que os sociólogos, economistas e cientistas políticos deveriam tentar responder. Cabem, para tanto, análises macro e microsociológico da sociedade na qual estamos inseridos atualmente. Onde não se pode ler o local sem fazer uma leitura (por mais difícil e complexa que seja esta tarefa) do global. A crise que o país atravessa tem vários componentes distintos em sua gênese. Mas esta crise não está, pela própria “natureza” da globalização separada do que ocorre em escala planetária.

Apesar do estudo que aqui se apresenta se debruçar essencialmente na obra de Bauman, ele irá apresentar em algumas idéias das obras de Manuel Castells<sup>2</sup>, sociólogo espanhol que produziu, entre outras obras, o livro “A Sociedade em Rede”; Anthony Giddens<sup>3</sup>, sociólogo inglês que produziu, entre outros, o livro “Mundo em Descontrole - O que a

---

<sup>1</sup> Mestre em Sociologia das Organizações. Professor de Introdução às Ciências Sociais nas Faculdades Integradas Santa Cruz.

<sup>2</sup> CASTELLS, Manuel, “A Sociedade em Rede”. São Paulo, Paz e Terra, 1999.

<sup>3</sup> GIDDENS, Anthony, “Mundo em descontrole: o que a globalização está fazendo de nós”. 3 ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

Globalização está fazendo de nós.”; e do historiador Eric Hobsbawn que entre outros livros escreveu a obra “Era dos Extremos - O Breve século XX”.

## Introdução

Partindo-se da premissa (que devemos salientar, permite muitas controvérsias) de que o Socialismo “morreu” com a queda do muro de Berlim em 9 de novembro de 1989 e com a subsequente queda do sistema socialista da antiga URSS nos anos 90; pode-se pensar que o capitalismo venceu a fase de bipolarização e Guerra-fria. O fato é que, segundo Bauman, vivemos hoje sob a égide do capitalismo globalizado, e que esta globalização é excludente; gera uma nova polarização<sup>4</sup>, só que esta localiza-se mais no campo econômico e social.

## O Fenômeno da Globalização

*Dentre todos os fatores técnicos da mobilidade, um papel particularmente importante foi desempenhado pelo transporte da informação<sup>5</sup>.*

Estamos atravessando uma verdadeira Revolução, que o sociólogo espanhol Manuel Castells (“A Sociedade em Rede”) resolveu chamar de Revolução da Tecnologia da Informação (RTI). Nesta, *“tudo que é sólido desmancha no ar”<sup>6</sup>*. Todas as mais importantes instituições sociais estão sendo transformadas, no local (Brasil) e no Global (mundo).

A globalização é uma palavra que não existia há 30 anos atrás. É um fenômeno da virada do século XX para o XXI. Ela é a interconexão dos países do mundo no âmbito da tecnologia, política, cultura e economia.

Castells nos mostra em seu livro que estamos na terceira onda da Revolução Industrial. A RTI está calcada nos avanços da microeletrônica, dos computadores pessoais, dos celulares, das comunicações via satélite e da internet. Assim vivemos numa sociedade em rede. Onde o que acontece em um país tem repercussões em outros. É o capitalismo informacional global que desde o fim da bipolarização (EUA x URSS) e da guerra fria tornou o capitalismo um fenômeno planetário. *“Afim, o aparecimento da rede mundial de computadores pôs fim — no que diz respeito à informação — à própria noção de “viagem” (e de “distância” a ser percorrida), tornando a informação instantaneamente disponível em todo o planeta, tanto na teoria como na prática.”<sup>7</sup>*

---

<sup>4</sup> Polarização é o fenômeno, muito citado por Bauman, que a pirâmide econômica mundial sofre atualmente: Os países e empresas ricos ficando mais ricos e os países e empresas pobres ficando mais pobres.

<sup>5</sup> Bauman, p. 21.

<sup>6</sup> Esta frase é título da obra de Marshall Berman que alude a uma frase do Manifesto Comunista, de Karl Marx e Friedrich Engels.

<sup>7</sup> BAUMAN, Zygmunt. “Globalização, as consequências humanas”. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. (p. 22)

Ainda segundo Castells O primeiro computador o Eniac<sup>8</sup> foi concebido para se fazer os cálculos da bomba atômica. É irônico que avanços da tecnologia (positivos e negativos) tenham sido feitos graças a pesquisas militares. Tanto o computador quanto a hoje importantíssima Internet são oriundas de projetos militares. A tecnologia utilizada em larga escala para o ser humano destruir o próprio ser humano acabou trazendo, ironicamente, como efeitos colaterais, benesses como o computador e a internet<sup>9</sup>, que como tudo na sociedade apresenta seu lado benéficos e seu lado nocivo. No que se refere ao computador e a Internet parece que os pontos positivos superam os negativos<sup>10</sup>.

Já o sociólogo Anthony Giddens<sup>11</sup> retrata a vida na sociedade da Globalização afirmando que estamos vivendo numa época de **Crise**, onde todas as principais instituições sociais (Família, Estado, Escola, Religião, Mercado, Trabalho) estão passando por transformações de magnitude nunca antes vistas em toda História da humanidade.

Como estas instituições são, por definição, organizações que fornecem estrutura (em termos de modelo de comportamento) para os indivíduos, o fato delas estarem em crise faz com que passemos por uma fase de profunda incerteza. A crise nos deixa perdidos, como uma nau à deriva<sup>12</sup>.

A Família está se reestruturando com novos arranjos que não existiam há cerca de 4 décadas com, por exemplo, a aceitação do divórcio em diversos países. Os Estados estão submetidos aos interesses dos grandes grupos empresariais (Multinacionais e Transnacionais). A Escola é a instituição cujos métodos pouco evoluiu (usamos os mesmos métodos didáticos de décadas atrás). A profusão e disseminação de 'novas' religiões também deixa os indivíduos perdidos neste tipo de organização social (as Igrejas) que são responsáveis por fornecer aos indivíduos as referências mais fundamentais de comportamento. O Mercado muda constantemente, para pior, do ponto de vista dos excluídos, e o Trabalho também passa por reformulações cujos resultados não trazem perspectivas otimistas. O professor Ricardo Petrella, da Universidade Católica de Louvain,

---

<sup>8</sup> Electronic Numerical Integrator and Computer (ENIAC - em português: computador integrador numérico eletrônico) foi o primeiro computador digital eletrônico de grande escala. Muitos comentam que o primeiro foi o Mark I, mas este era apenas eletromecânico. Foi criado em fevereiro de 1946 pelos cientistas norte-americanos John Eckert e John Mauchly, da *Electronic Control Company*. O ENIAC começou a ser desenvolvido em 1943 durante a II Guerra Mundial para computar trajetórias táticas que exigissem conhecimento substancial em matemática, mas só se tornou operacional após o final da guerra. Sua capacidade de processamento era de 5.000 operações por segundo. Criado na segunda guerra, tinha como principal finalidade cálculos balísticos. Possuía 17.468 válvulas termiônicas, de 160 kW de potência. O "sistema operacional" da máquina era através de cartões perfurados. A calculadora efetua os cálculos a partir das teclas pressionadas, fazendo interação direta com o hardware, como no ENIAC, no qual era preciso conectar fios, relês e sequências de chaves para que se determinasse a tarefa a ser executada. A cada tarefa diferente o processo deveria ser refeito. A resposta era dada por uma sequência de lâmpadas. Fonte: Wikipedia.

<sup>9</sup> É o caso da Internet. A Arpanet era um sistema utilizado pelo exército dos EUA. E acabou nos trazendo a rede mundial de computadores. (CASTELLS, 1999)

<sup>10</sup> Saliento aqui que esta última afirmação é minha, não traduz o pensamento de Bauman,

<sup>11</sup> "Mundo em Descontrole - O que a Globalização está fazendo de nós."

<sup>12</sup> As organizações sociais ou instituições sociais estando em crise faz com que percamos totalmente as nossas referências. A metáfora "nau a deriva" vem bem a calhar porque os indivíduos, inseridos no processo de globalização estão "sem rumo", como se estivessem no meio do mar, sem mapa, bússola e sem poder ver as estrelas.

recentemente resumiu isso muito bem: “A *globalização arrasta as economias para a produção do efêmero, do volátil (por meio de uma redução em massa e universal da durabilidade dos produtos e serviços) e do precário (empregos temporários, flexíveis, de meio expediente).*”<sup>13</sup>

Segundo Bauman, a Globalização é processo irreversível e tanto divide quanto une, ou seja, tem seus pontos positivos e negativos. Entre os pontos negativos está o fenômeno da polarização (nota de rodapé 4) o que nos leva a perceber que a globalização é benéfica para os globalizadores (pessoas, empresas e países ricos) e maléfica para os globalizados (pessoas pobres, empresas e países menos desenvolvidos). Como pontos positivos temos, ( também segundo Castells), maior acesso à informação e possibilidades de comunicação nunca antes vistos na história da humanidade, além proliferação (para os incluídos) dos avanços da medicina.

### **Quem se beneficia com a Globalização?**

Para Bauman, a Globalização só tem beneficiado os mais ricos: “(...) a fragmentação e o isolamento “na base” continuam sendo irmãos gêmeos da globalização “no topo”.”<sup>14</sup>

Uma pergunta que Bauman se propõe a responder é: Quem (quais grupos, indivíduos e/ou instituições), se beneficiam com a Globalização?

*Trocando em miúdos: em vez de homogeneizar a condição humana, a anulação tecnológica das distâncias temporais/espaciais tende a polarizá-la. Ela emancipa certos seres humanos das restrições territoriais e torna extraterritoriais certos significados geradores de comunidade — ao mesmo tempo que desnuda o território, no qual outras pessoas continuam sendo confinadas, do seu significado e da sua capacidade de doar identidade. Para algumas pessoas ela augura uma liberdade sem precedentes face aos obstáculos físicos e uma capacidade inaudita de se mover e agir a distância. Para outras, pressagia a impossibilidade de domesticar e se apropriar da localidade da qual têm pouca chance de se libertar para mudar-se para outro lugar.*<sup>15</sup>

Assim como mostra o documentário *The Corporation*<sup>16</sup>, as grandes corporações, empresas multinacionais passaram a espalhar seus “tentáculos” pelo planeta no século XX. A ponto de chegarmos a ter, no início do século XXI cerca de 200 empresas que eram donas de ¾

---

<sup>13</sup> Bauman, p. 86

<sup>14</sup> Bauman, p. 136

<sup>15</sup> Bauman, p. 25.

<sup>16</sup> **The Corporation (A Corporação**, em português) é um documentário canadense de 2003, dirigido e produzido por Mark Achbar e Jennifer Abbott, baseado em roteiro adaptado por Joel Bakan de seu livro (*The Corporation: The Pathological Pursuit of Profit and Power*, com versão em português: *A Corporação: a busca patológica por lucro e poder*). O filme descreve o surgimento das grandes corporações como pessoas jurídicas, e discute, do ponto de vista psicológico que, em sendo pessoas, que tipo de pessoas elas seriam. Fonte: Wikipedia.

de toda riqueza circulante na nossa economia. É uma gigantesca polarização que traz consigo exclusão, desigualdade sócio-econômica, miséria e degradação de grande parte dos seres humanos<sup>17</sup>. A globalização beneficia países, indivíduos e empresas grandes, que formando *trustes* e *holdings* que vão “abocanhando” e incorporando cada vez mais as empresas de menor porte. Isto é claramente visível nas fusões de empresas. É preciso também lembrar que essas mega corporações são como máquinas de explorar trabalho, que graças ao já mencionado “fim” do Socialismo e do Estado de Bem estar Social (Welfare State) judia ao extremo dos trabalhadores que graças às premissas neoliberais tem cada vez menos proteção dos Estados nacionais.

### **A Questão da Mobilidade. O Fim da Geografia e não da História**

*“No ciberespaço, os corpos não interessam”.* (BAUMAN p.27)

*“Cada vez mais, a globalidade e a localidade adquirem o caráter de valores opostos”*  
(BAUMAN p. 129)

*“A “boa vida” é a vida em movimento, mais precisamente o conforto de ter confiança na facilidade com que é possível mover-se caso ficar não mais satisfaça. Liberdade veio a significar acima de tudo liberdade de opção, e a opção adquiriu notoriamente uma dimensão espacial”.*<sup>18</sup>

O Economista e Filósofo Francis Fukuyama<sup>19</sup> “decretou”, em 1992 o Fim da História. Para Bauman uma das formas de se medir a globalização e seu efeito polarizador está calcado na mobilidade geográfica dos indivíduos e não na História. *“As distâncias já não importam, ao passo que a idéia de uma fronteira geográfica é cada vez mais difícil de sustentar no “mundo real”. Parece claro de repente que as divisões dos continentes e do globo como um todo foram função das distâncias, outrora impositivamente reais devido aos transportes primitivos e às dificuldades de viagem”*<sup>20</sup>.

---

<sup>17</sup> Mais de 815 milhões de pessoas. Cerca de quatro vezes a população do Brasil. Quase tantos quanto os habitantes da União Europeia e Estados Unidos juntos. Toda essa gente vai dormir todo dia sem ter comido as calorias mínimas para suas atividades diárias. Mas o número alto, calculado pelas Nações Unidas e publicado nesta sexta-feira, dia 15 de setembro, não é novidade: o número de famintos *oficiais* oscila entre os *novecentos e tantos* e os *setecentos e muitos* desde o início do século. A notícia é que, pela primeira vez desde 2003, a fome volta a aumentar. [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/05/internacional/1504624883\\_402058.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/05/internacional/1504624883_402058.html)

<sup>18</sup> Bauman, p.129

<sup>19</sup> ***The End of History and the Last Man*** (em português, *O fim da história e o último homem*) é um livro publicado em 1992 por Francis Fukuyama, expandindo seu artigo *The End of History?*, Publicado no jornal de política internacional *The National Interest*. No livro, Fukuyama argumenta que o advento da Democracia liberal ocidental seria o ponto final da evolução sociocultural humana e a forma final do governo humano. O título é uma referência a uma teoria de Hegel, o *Fim da história*, que influenciou Fukuyama. Fonte: Wikipedia.

<sup>20</sup> Bauman, p. 19.

*“A informação agora flui independente dos seus portadores; a mudança e a reorganização dos corpos no espaço físico é menos que nunca necessária para reordenar significados e relações. Para algumas pessoas — para a elite móvel, a elite da mobilidade — isso significa, literalmente, a libertação em relação ao “físico”, uma nova imponderabilidade do poder. As elites viajam no espaço e viajam mais rápido que nunca — mas a difusão e a densidade da rede de poder que elas tecem não dependem dessa viagem. Graças à nova “incorporeidade” do poder na sua forma sobretudo financeira, os detentores do poder tornam-se realmente extraterritoriais, ainda que corporeamente estejam “no lugar”. Seu poder está, real e integralmente, não “fora deste mundo” — não do mundo físico no qual constróem suas casas e escritórios supervigiados, eles próprios extraterritoriais, livres da intromissão de vizinhos importunos, isolados do que quer que se possa chamar de uma comunidade local, inacessíveis a quem quer que esteja (ao contrário deles) a ela confinado”.*<sup>21</sup>

A globalização é a mobilidade. *“A mobilidade galga ao mais alto nível dentre os valores cobiçados”.*<sup>22</sup> E tornou-se o principal fator estratificador dos tempos modernos ou pós-modernos. *“(…) a liberdade de movimentos, uma mercadoria sempre escassa e distribuída de forma desigual, logo se torna o principal fator estratificador”*<sup>23</sup> *(…) “Hoje em dia estamos todos em movimento (...) sem ficar em lugar algum tempo suficiente para ser mais do que visitantes, para nos sentirmos em casa”* *(…) “ há cada vez menos razão para ficar em algum lugar em específico.”*<sup>24</sup> *No mundo do pós-guerra espacial, a mobilidade tornou-se o fator de estratificação mais poderoso e mais cobiçado*<sup>25</sup>,

*Em contraste com os ausentes proprietários fundiários do início dos tempos modernos, os capitalistas e corretores imobiliários da era moderna recente, graças à mobilidade dos seus recursos agora líquidos, não enfrentam limites reais o bastante — sólidos, firmes, resistentes — (...) O capital pode sempre se mudar para locais mais pacíficos se o compromisso com a “alteridade” exigir uma aplicação dispendiosa da força ou negociações cansativas. Não há necessidade de se comprometer se basta evitar.*<sup>26</sup>

## **Turistas e trastes ou tralhas ou ‘vagabundos’**

---

<sup>21</sup> Id. p.26

<sup>22</sup> Id. p.8

<sup>23</sup> Ibid p. 8

<sup>24</sup> Ibid p. 85

<sup>25</sup> Ibid p. 8

<sup>26</sup> Ibid p. 18

A tese do capítulo 4 do livro de Bauman é que a sociedade pode hoje ser “dividida” em duas categorias de pessoas: os turistas e os ‘vagabundos’.<sup>27</sup> É a nova Estratificação Social:

*“Alguns de nós tornam-se plena e verdadeiramente “globais”; alguns se fixam na sua “localidade” - transe que não é nem agradável, nem suportável num mundo em que os “globais” dão o tom e fazem as regras do jogo da vida. (...) Ser local num mundo globalizado é sinal de privação e degradação social.”. “(...) a imobilidade não é uma opção realista num mundo em permanente mudança (...)”<sup>28</sup>*

*“Uma parte integrante dos processos de globalização é a progressiva segregação espacial, a progressiva separação e exclusão. As tendências neo tribais e fundamentalistas, que refletem e formulam a experiência das pessoas na ponta receptora da globalização, são fruto tão legítimo da globalização quanto a “hibridização” amplamente aclamada da alta cultura — a alta cultura globalizada. Uma causa específica de preocupação é a progressiva ruptura de comunicação entre as elites extraterritoriais cada vez mais globais e o restante da população, cada vez mais “localizada”. Os centros de produção de significado e valor são hoje extraterritoriais e emancipados de restrições locais — o que não se aplica, porém, à condição humana, à qual esses valores e significados devem informar e dar sentido”<sup>29</sup>*

Para Bauman a diferenciação entre os indivíduos, além de se estabelecer pela diferenciação de poder de consumo estabelece-se pela mobilidade geográfica. Assim, o sociólogo classifica as duas categorias sociais como turistas, aqueles que tem condições de se movimentar fisicamente pelo globo; e ‘vagabundos’, aqueles presos em sua localidade por falta de condições de se moverem. *“Com a liberdade de movimento no centro, a atual polarização tem muitas dimensões; o novo centro dá um novo verniz às distinções tradicionais entre ricos e pobres, nômades e sedentários, “normais” e anormais ou à margem da lei. Exatamente como essas várias dimensões da polaridade se entrelaçam e influenciam mutuamente”<sup>30</sup>*

## **Sociedade do CONSUMO, Sociedade “Líquida”**

---

<sup>27</sup> Penso que o termo “Vagabundos” tem uma conotação muito mais pejorativa no Brasil do que na Polônia (país do idioma em que o livro foi originalmente escrito), entretanto seguiremos a palavra conforme o tradutor. Dizendo que poderíamos substituir a palavra ‘vagabundo’ por “trastes”, “tralhas” ou “párias” que são, segundo o dicionário, pessoas mantidas à margem da sociedade ou excluídas do convívio social..

<sup>28</sup> Bauman, p.8.

<sup>29</sup> Bauman, p. 9

<sup>30</sup> Idem nota 26.

*“a sociedade moderna tem pouca necessidade de mão-de-obra industrial em massa e de exércitos recrutados; em vez disso, precisa engajar seus membros pela condição de consumidores. A maneira como a sociedade atual molda seus membros é ditada primeiro e acima de tudo pelo dever de desempenhar o papel de consumidor”.*<sup>31</sup>

O conceito de sociedade “Líquida” é fundamental nesta e em outras obras do sociólogo polonês. Este conceito é o de uma sociedade onde o que realmente conta é apenas a volatilidade, a temporalidade interna de todos os compromissos; isso conta mais que o próprio compromisso, que de qualquer forma não se permite ultrapassar o tempo necessário para o consumo do objeto do desejo (ou melhor, o tempo suficiente para desaparecer a conveniência desse objeto). Que todo consumo exige tempo é na verdade a perdição da sociedade de consumo — e uma preocupação maior dos que negociam com bens de consumo.<sup>32</sup> *“Você acha que já viu tudo? Você ainda não viu nada!”* É dito com frequência que o mercado de consumo seduz os consumidores. Mas para fazê-lo ele precisa de consumidores que queiram ser seduzidos (assim como para comandar os operários o dono da fábrica precisava de uma equipe com hábitos disciplinadores, com a obediência às ordens firmemente estabelecida).

Esta sociedade de consumo é, em larga escala, “alimentada” pela mídia. Que não iremos discutir neste estudo, mas o conceito de Indústria Cultural<sup>33</sup> é de fundamental importância para se entender a sociedade atual.

### **Lei Global, ordens locais. Ou “ (...) as técnicas de confinamento espacial do lixo e do refugio da globalização”**<sup>34</sup>.

*“Cresce rapidamente em quase todos os países o número de pessoas na prisão ou que esperam prováveis sentenças de prisão”*<sup>35</sup>

*“A população prisional do país não para de crescer há décadas. Atualmente o Brasil tem o quarto maior número de pessoas atrás das grades: são 622.202 presos. Atrás apenas dos Estados Unidos (2.217.000), China (1.657.812) e Rússia (644.237)”*. (...) *“Para especialistas, construir novos presídios é uma estratégia inócua se não for feito nada para desarmar a bomba-relógio de prisões em massa por narcotráfico e detenções temporárias”*.<sup>36</sup>

Em tempos, como nunca antes vistos no Brasil, de “caça aos corruptos”, operação Lava-Jato e prisões de “peixes-grandes” (empresários ricos, políticos poderosos) em que se vai cada vez mais discutir a qualidade humanitária do nosso sistema carcerário, a que se lembrar que apesar destas prisões de membros das elites (o que é um ponto positivo e de

<sup>31</sup> Bauman, p. 88

<sup>32</sup> Bauman, p. 89.

<sup>33</sup> O termo **Indústria Cultural** (em alemão Kulturindustrie) foi criado pelos filósofos e sociólogos alemães Theodor Adorno (1903-1969) e Max Horkheimer (1895-1973), a fim de designar a situação da arte na sociedade capitalista industrial.

<sup>34</sup> Bauman, p. 121

<sup>35</sup> Bauman, p. 122

<sup>36</sup> [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/05/politica/1483624203\\_712909.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/05/politica/1483624203_712909.html)

evolução política do nosso país) a maioria esmagadora dos indivíduos que estão nas prisões são oriundos das classes mais baixas. *“Hoje sabemos”, escreve Thomas Mathiesen, “que o sistema penal ataca a 'base' e não o 'topo' da sociedade.”*<sup>37</sup>

*“O que sugere a acentuada aceleração da punição através do encarceramento, em outras palavras, é que há novos e amplos setores da população visados por uma razão ou outra como uma ameaça à ordem social e que sua expulsão forçada do intercâmbio social através da prisão é vista como um método eficiente de neutralizar a ameaça ou acalmar a ansiedade pública provocada por essa ameaça”.*<sup>38</sup>

Não admira, como diz Mathiesen, que as prisões “estejam cheias sobretudo de pessoas das camadas inferiores da classe operária que praticaram roubos e outros crimes 'tradicionais'”.<sup>39</sup> *“Mal definidos, os crimes “do topo da escala” são além disso terrivelmente difíceis de detectar. São perpetrados em um círculo íntimo de pessoas unidas pela cumplicidade mútua, a lealdade à organização e o esprit de corps, pessoas que geralmente tomam medidas eficazes para detectar, silenciar ou eliminar os que dão com a língua nos dentes. Eles exigem um nível de sofisticação legal e financeiro praticamente impossível de ser penetrado por quem está de fora, particularmente gente leiga ou não educada”. (...) “Só em casos raros e extremos os “crimes empresariais” são levados aos tribunais e aos olhos do público. Fraudadores do fisco e autores de desfalques têm uma oportunidade infinitamente maior de acordo fora dos tribunais do que os batedores de carteira ou assaltantes. A parte tudo o mais, os agentes da ordem local têm absoluta consciência da superioridade dos poderes globais e, portanto, consideram um sucesso chegar a esse nível.”*

A prisionização é outro sintoma do lado negativo da globalização. A maioria dos presos são oriundos das classes mais baixas, enquanto presos oriundos das classes altas são uma ínfima minoria.

Pelo trecho que abaixo segue se percebe a influência da ideologia neoliberal no que acontece no Brasil e no mundo. Esta ideologia preocupa-se fundamentalmente com a saúde dos mega investidores:

*“Bourdieu<sup>40</sup> escreveu o artigo citado, apresentado numa conferência em Freiburg em outubro de 1996, como “reação*

---

<sup>37</sup> Bauman, p. 131

<sup>38</sup> Bauman, p. 122 - 123.

<sup>39</sup> Bauman, p. 132

<sup>40</sup> Pierre Félix Bourdieu foi um dos maiores sociólogos do século XX. Francês. De origem campestre, filósofo de formação, foi docente na École de Sociologie du Collège de France. Fonte: Wikipédia

*visceral” a uma declaração que lera no avião. A declaração em questão fora feita por Hans Tietmeyer, presidente do banco central alemão, de forma casual e quase descuidada, como quando se falam verdades óbvias e banais e sem provocar qualquer desaprovação do público ou dos leitores. “O que está em jogo hoje”, disse Tietmeyer, “é criar condições favoráveis à confiança dos investidores.” (...) Para tornar os investidores confiantes e encorajá-los a investir, disse ele, seria necessário um controle mais estrito dos gastos públicos, a redução dos impostos, a reforma do sistema de proteção social e o “desmantelamento das normas rígidas do mercado de trabalho”. O mercado de trabalho é rígido demais; precisa tornar-se flexível, quer dizer, mais dócil e maleável, fácil de moldar, cortar e enrolar, sem oferecer resistência ao que quer que se faça com ele. Em outras palavras, o trabalho é “flexível” na medida em que se torna uma espécie de variável econômica que os investidores podem desconsiderar, certos de que serão as suas ações e somente elas que determinarão a conduta da mão-de-obra”.<sup>41</sup>*

O confinamento espacial, o encarceramento sob variados graus de severidade e rigor, tem sido em todas as épocas o método primordial de lidar com setores inassimiláveis e problemáticos da população, difíceis de controlar. Os escravos eram confinados às senzalas. Também eram isolados os leprosos, os loucos e os de etnia ou religião diversas das predominantes. Quando tinham permissão de andar fora das áreas a eles destinadas, eram obrigados a levar sinais do seu isolamento para que todos soubessem que pertenciam a outro espaço.

A separação espacial que produz um confinamento forçado tem sido ao longo dos séculos uma forma quase visceral e instintiva de reagir a toda diferença e particularmente à diferença que não podia ser acomodada nem se desejava acomodar na rede habitual das relações sociais. O significado mais profundo da separação espacial era a proibição ou suspensão da comunicação e, portanto, a perpetuação forçada do isolamento. O isolamento é a função essencial da separação espacial.

O isolamento reduz, diminui e comprime a visão do outro: as qualidades e circunstâncias individuais que tendem a se tornar bem visíveis graças à experiência acumulada do relacionamento diário raramente são vistas quando o intercâmbio definha ou é proibido — a caracterização toma então o lugar da intimidade pessoal e as categorias legais que visam a subjugar a disparidade e permitir que seja desconsiderada tornam irrelevante a singularidade das pessoas e dos casos.

*“Assim, diz Christie, não é inteiramente inesperada (mesmo que também não seja inevitável) a tendência de nossa sociedade moderna de dar “o significado de crime” aos atos que “cada vez mais são vistos como indesejados ou pelo menos dúbios” e de “cada vez mais punir esses crimes com a prisão”.<sup>42</sup>*

---

<sup>41</sup> Bauman, p. 111 - 112.

<sup>42</sup> Bauman, p. 114 - 115.

Não é preciso ser um especialista em Direitos Humanos para saber que a situação das “Casas de Correção Penal” do Brasil estão entre as piores do mundo. Elas nunca, na esmagadora maioria dos casos, cumprem sua missão declarada de reabilitação, ou ressocialização. Muito pelo contrário, o que assistimos na mídia e percebemos pela opinião de pesquisadores da área é que o sistema carcerário no Brasil é altamente desumano e ineficiente.

Como afirma o sociólogo Pedro Bodê<sup>43</sup>:

*“A prisão não consegue cumprir sua promessa que é ressocializar. Aliás, falar em ressocializar é uma espécie de contradição. As pessoas são socializadas, nós sabemos, no mundo da prisão e no mundo do crime, que habita a prisão. Então, o cara entra na prisão, e é aquilo que o povo, o senso comum diz, é a escola do crime. E é mesmo. A prisão deveria ser usada de forma muito cuidadosa, somente para os casos mais graves. E isso não acontece. O que enche as cadeias hoje? O pequeno furto, o roubo e o tráfico. Uma parte grande desses delitos não são cometidos com violência. Se o cara for enquadrado como traficante, ele, pego com três pedras de crack no bolso, e o cara que é pego com um caminhão, eles entram na lei dos crimes hediondos, e os dois são postos, do ponto de vista criminal, no mesmo nível. Isso é uma aberração”<sup>44</sup>.*

Como afirma o professor Bodê não podemos afirmar o que já se sabe por séculos de experiência: as prisões não deixam os indivíduos melhores.

*“(...) o confinamento não é nem escola para o emprego nem um método alternativo compulsório de aumentar as fileiras da mão-de-obra produtiva quando falham os métodos “voluntários” comuns e preferidos para levar à órbita industrial aquelas categorias particularmente rebeldes e relutantes de “homens livres”. Nas atuais circunstâncias, o confinamento é antes uma alternativa ao emprego, uma maneira de utilizar ou neutralizar uma parcela considerável da população que não é necessária à produção e para a qual não há trabalho “ao qual se reintegrar”<sup>45</sup>.*

## CONCLUSÃO

*“A pobreza não pode ser “curada”, pois não é um sintoma da doença do capitalismo. Bem ao contrário: é evidência da sua saúde e robustez (...)” (Bauman, p 86.)*

---

<sup>43</sup> Pesquisador e professor da UFPR, especialista em assuntos de Violência e Direitos Humanos. Coordenador do Centro de Estudos em Segurança Pública e Direitos Humanos da UFPR.

<sup>44</sup><http://www.ufpr.br/portalfpr/blog/noticias/em-entrevista-pesquisador-pedro-bode-fala-sobre-politicas-publicas-na-area-de-seguranca/>

<sup>45</sup> Bauman, p. 119 - 120.

Como se pôde perceber no decorrer deste ensaio, a Globalização oriunda das Revoluções industriais, em especial da Revolução da Tecnologia da Informação, é um fenômeno planetário, relativamente recente e irreversível; que trouxe consigo uma polarização da sociedade nos níveis Global e Local e conseqüentemente um processo de prisionização de boa parte dos excluídos desta sociedade.

Em tempos (atuais), em que se tem que lutar para ser explorado para não ser excluído, o Brasil e o mundo seguem prioritária e primitivamente a ilusão neoliberal, que coloca esperanças no Capital (grandes corporações) em detrimento dos ‘vagabundos’ que representam o Trabalho.

Além dos pontos positivos inegáveis oriundos dos avanços tecnológicos (informação, comunicação, conhecimento, avanços da medicina, etc), as Revoluções Industriais trouxeram a degradação de parte significativa dos indivíduos a nível mundial e os problemas ecológicos. Segundo Eric Hobsbawm<sup>46</sup> o “breve” século XX foi o século em que mais o homem matou o próprio homem. E foi também o século de grande destruição do meio ambiente. Por conta disso este século XXI os aspectos mais importantes a serem postos à sociedade são a sustentabilidade e a convivência.

E, a julgar pelo encaminhamento dado pelas nossas elites, tanto no nível global quanto no local estas agendas (sustentabilidade e convivência) não são prioridade. A prioridade é o Lucro. Lucro acima de tudo e de todos. Para enriquecer e empoderar cada vez mais os mais fortes e poderosos.

A Globalização trouxe uma imensa flexibilidade para as grandes corporações privadas. Estas podem livremente (com apoio da ideologia neoliberal) se espalhar pelas regiões mais pobres para explorá-las no pior sentido da palavra. *“Flexibilidade do lado da procura significa liberdade de ir aonde os pastos são verdes, deixando o lixo espalhado em volta do último acampamento para os moradores locais limparem; acima de tudo, significa liberdade de desprezar todas as considerações que “não fazem sentido economicamente.”(...)“os empregos surgem e somem assim que aparecem, são fragmentados e eliminados sem aviso prévio, como as mudanças nas regras do jogo de contratação e demissão — e pouco podem fazer os empregados ou os que buscam emprego para parar essa gangorra”.* “A mobilidade e sua ausência indicam a nova polarização moderna avançada ou pós-moderna das condições sociais. O topo da nova hierarquia é extraterritorial; suas camadas inferiores são marcadas por graus variados de restrições espaciais e as da base são, para todos os efeitos práticos, “glebae adscripti”.”<sup>47</sup>

O *welfare state* (estado de bem estar social) que protegia os trabalhadores na época em que o capitalismo precisava competir com o socialismo (em especial da URSS) faliu. E este sim pode ser considerado o Fim da História. De uma história onde aos trabalhadores eram guardados direitos pelos Estados Nacionais:

---

<sup>46</sup> HOBBSAWN, Eric. “A Era dos Extremos”, Cia.das Letras, 1996.

<sup>47</sup> Bauman, p. 112 - 113.

*“A atenção localizada sobre um “ambiente seguro” e tudo o que possa de fato ou supostamente implicar é exatamente o que as “forças do mercado”, atualmente globais e portanto extraterritoriais, querem dos governos (com isso impedindo-os de fazer qualquer outra coisa). No mundo das finanças globais, os governos detêm pouco mais que o papel de distritos policiais superdimensionados; a quantidade e qualidade dos policiais em serviço, varrendo os mendigos, perturbadores e ladrões das ruas, e a firmeza dos muros das prisões assomam entre os principais fatores de “confiança dos investidores” e, portanto, entre os dados principais considerados quando são tomadas decisões de investir ou de retirar um investimento. Fazer o melhor policial possível é a melhor coisa (talvez a única) que o Estado possa fazer para atrair o capital nômade a investir no bem-estar dos seus súditos; e assim o caminho mais curto para a prosperidade econômica da nação e, supõe-se, para a sensação de “bem-estar” dos eleitores, é a da pública exibição de competência policial e destreza do Estado”.*<sup>48</sup>

O Estado brasileiro não é exceção à regra do que foi exposto neste ensaio. A política do governo ‘temerário’ se mostra, como sempre aconteceu na história do país, muito mais inclinado aos interesses das nossas elites do que da população de ‘vagabundos’ como diria Bauman. O fim da crise não vai chegar sem uma diminuição das ações governamentais pautadas pela ideologia neoliberal.

A crise econômica, como tudo que acontece na Globalização, está intimamente ligada à crise política. As esperanças voltadas para as eleições do ano que vem (2018) ainda estão muito obliteradas pelos virtuais candidatos que se apresentam. Mas, se quisermos superar a crise é necessário olhar para os países onde a social-democracia transformou e transforma ações governamentais em resultados de proteção aos indivíduos mais “fracos”. Autores como Zygmunt Bauman são de essencial leitura para as soluções humanitárias e ecológicas que tanto necessitamos.

---

<sup>48</sup> Bauman, p. 128.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. "Globalização: as consequências humanas". Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

CASTELLS, Manuel. "A Sociedade em Rede". São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1999.

GIDDENS, Anthony. "Mundo em Descontrole. O que a Globalização está fazendo de nós". Rio de Janeiro. Ed. Record, 2003.

HOBBSBAWN, Eric. "A era dos Extremos". São Paulo. Cia. das Letras, 1996.